

Memória e Esquecimento: protagonistas do processo dinâmico da cultura popular

Acácia Batista de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGArC/ UFRN- Mestranda
Or.Prof^ª. Dr^ª Larissa Kelly de O.M. Tibúrcio
Bolsa Capes

Resumo: Este artigo traz uma reflexão sobre a relação entre memória e esquecimento e como tal temática atravessa as discussões atuantes em minha pesquisa de dissertação na qual trago a memória e o esquecimento como elementos imprescindíveis à continuidade da cultura. Aparentemente contraditórios, estes se interligam para direcionar os moldes de existência de uma cultura, e, recordar ou olvidar seus aspectos é promover uma reconfiguração da sua própria dinamicidade. Na cultura popular a memória e o esquecimento se entrecruzam e direcionam perspectivas sobre ela, permitindo sua continuidade no campo social. Minhas reflexões sobre a memória e o esquecimento relacionados à cultura popular configurado-se como um dos eixos norteadores do meu trabalho acadêmico.

Palavras-chave: Memória; Esquecimento; Cultura Popular.

As alterações sobre a tradição na cultura popular versam em uma proposta dinâmica, de interação com elementos que contribuem na continuidade de seus componentes. Estabelecendo uma relação de troca, de influências e interatividade que desemboca num estado de fluidez, de movimento. Desse modo, a associação ao estagnado, ao velho, que muitas vezes é atribuído à tradição no contexto da cultura popular não se configura em nossas discussões. Assim, nos fundamentamos com as ponderações de Stuart Hall (2003) que acredita na tradição como algo que se renova e que nada se assemelha ao isolamento. Por sua vez, Núbia Gomes e Edmilson Pereira (2002) atribuem à flexibilidade da cultura popular uma possibilidade de reatualização de seus elementos em contato com outros parâmetros culturais.

Nesse processo de continuidade da cultura popular, destacamos a relação dialógica entre memória e esquecimento como protagonistas da dinamicidade dessa cultura de tal modo que o processo de manutenção dos elementos da cultura popular se dá através da rememoração de uns e esquecimento de outros. Assim, ocorre um direcionamento sobre o que será comunicado a outras gerações, implicando, portanto, o modo de vida social do indivíduo que absorverá o que lhe foi repassado sem ter nenhum contato com aspectos que outrora caiu no esquecimento até mesmo por uma vontade coletiva da comunidade que vive em determinada cultura.

Alguns interlocutores dessa discussão nos oferecem um panorama geral sobre a relação dialógica entre a memória e esquecimento e nos convida a mergulhar nesse assunto tão instigante sob tal ponto de vista. Paul Zumthor (1997) nos chama atenção para

as nossas culturas que lembram quando esquecem, configurando uma seleção inicial do que é funcional para uma comunidade sendo, portanto, perpetuado. O esquecimento também estabelece uma ruptura com parâmetros já postos na ordem mental propondo a fundação de outra ordem. Assim, o caráter de quebra, ruptura, expõe a necessidade de retomadas ritualizadas de aspectos que precisam ser ressignificados.

Nessa perspectiva, situamos a cultura popular e seus elementos que serão perpetuados a partir de sua aceitação ou não frente à coletividade. A tradição nesse caso se configura como uma continuação do que é importante manter na cultura popular. No que diz respeito à tradição na cultura popular entendemos que ela não deve ser associada à estagnação, ao velho, ao decrépito. Ao contrário, ela deve ser relacionada às configurações possíveis de cooptação e afluência dos elementos que legitimam sua dinamicidade, como as relações comportamentais, situações econômicas, avanços tecnológicos, entre outros agentes interlocutores que se constituem nos pares contribuintes à manutenção do caráter dinâmico da tradição popular. Assim, notamos o registro desta não somente pelos acontecimentos culturais através de características intrínsecas como a oralidade ou aceitação coletiva, por exemplo.

Desse modo, concordamos com Hall (2003) quando argumenta que a tradição em nada se assemelha ao isolamento, à persistência de velhos modelos. A tradição na cultura popular vai contribuir na sua perpetuação através da simples existência dos sujeitos pertencentes aquela cultura. Não importando como vai ser propagada, mas o fato é que haverá sua continuidade, embora é importante considerar as condições em que ela pode ser refeita, já que acontece no dia a dia do povo interagindo com diversas variantes que se interceptam em tais relações, desembocando em significados e relevâncias outras (Bosi et.al, 1987). Logo, concordamos com Gomes e Pereira (2002) quando discutem a organização estratégica da cultura popular em relação à conservação de suas especificidades, bem como a assimilação de transformações que são pertinentes à sua continuidade e também ao esquecimento que atua no processo de perpetuação dos elementos culturais a serem continuados ou abstraídos.

Do mesmo modo que a memória e o esquecimento também são importantes mantenedores de todo o caminho percorrido pela cultura popular através das relações de troca, de parceria, que se estabelecem no decurso. Aliás, “a memória é o centro vivo da tradição, é o pressuposto de cultura no sentido de trabalho produzido, acumulado e refeito através da História” (BOSI et. al, p.53, 1987) configurando, portanto, numa aliada imprescindível a eficácia da tradição. O esquecimento, por tabela, também contribui nesse processo, pois estabelece uma relação dialógica com a memória, embora aparentemente incompatível. Aparentemente contraditórios estes elementos se interligam para direcionar os moldes de existência de uma cultura.

Zumthor (1997) esclarece que nossas culturas lembram quando esquecem. E essa vontade de esquecer se configura numa seleção inicial em que os valores pertinentes à memória da comunidade são permeados pela sensibilidade, formas de pensamento, ações, discursos. Tais valores são lembrados pela funcionalidade que eles possuem a memória da comunidade. O autor associa a tradição com esquecimento devido ao fato de que ambos têm em suas dinamicidades uma ligação com a coletividade, podendo influenciar no meio social dos sujeitos contribuindo na manutenção das experiências de um determinado grupo social.

Assim, percorreremos pelo viés da memória e do esquecimento como uma forma de também entendê-los enquanto protagonistas do processo dinâmico da cultura popular. O esquecimento também estabelece uma ruptura com parâmetros já postos na ordem mental propondo a fundação de outra ordem. Assim, o caráter de quebra, ruptura, expõe a necessidade de retomadas ritualizadas de aspectos que precisam ser ressignificados.

Ao afirmar que a lembrança de nossas culturas se dá pelo viés do esquecimento, o medievalista mostra que tal processo direciona intencionalmente a seleção do que lhe é pertinente, funcional. Nesse cenário podemos exemplificar a cultura popular quando lida com a tradição e o esquecimento vislumbrando a manutenção de sua própria dinamicidade, pois a preferência ou não de elementos da cultura popular a serem propagados vai depender, e muito, de como eles são aceitos ou não pela coletividade.

Portanto, manter e esquecer são ações essenciais que legitimam o caráter ativo da cultura popular e contribuem no direcionamento do comportamento social frente à sua cultura. Do mesmo modo que, a transformação e o esquecimento, também são importantes mantenedores de todo o caminho percorrido pela cultura popular através das relações de troca, de parcerias, que se estabelecem no decurso.

Quando recordarmos algo, tentamos torná-lo permanente, infundável, pois nossa existência perene afirma o tempo finito que temos. E recordar nos dá a possibilidade de perpetuar nossa essência, conferindo-lhe conseqüentemente uma continuação de sua presença. Cabe ressaltar que, nesse processo, a memória se ritualiza ao acoplar complementos da atualidade, criando dessa maneira um vínculo onde passado e presente se refazem, permitindo assim um reviver das reminiscências, confluindo com as tendências da atualidade, criando então parâmetros fundantes dessa relação.

No entanto, não conseguimos lembrar tudo mesmo se quiséssemos, nem enquanto indivíduos ou na coletividade. Lembramo-nos daquilo que é importante, do que nos é vital, cujo significado percorre por infinitos meandros do ser e se faz essencial, marcante, até mesmo inesquecível. E dessa forma revivemos o que foi vivido até de modo mais intenso, real e presente, se apegando a detalhes, a fragmentos importantes de uma

reminiscência para perpetuá-la. Podemos nessa retomada reviver inclusive coisas até mesmo criadas inconscientemente, para que a reminiscência reativada seja sublime.

Assim, a memória presentifica-se no dia-a-dia, no nosso modo de conceber o mundo, nos corpos, nos anseios e ratificações que temos. Ela promove uma leitura enquanto indivíduos e coletividade. Rosário (2001) ainda alerta para uma tendência de associação do passado com o obsoleto, o suplantado, com o que já foi há muito tempo atrás. Porém, é preciso atentar para um olhar perceptível à continuidade e transformação dos acontecimentos, e assim averiguar que a sucessão de eventos surgidos no decorrer da história humana está inserida de certo modo nos indivíduos.

Portanto, a memória se refaz e se perpetua, se não fisicamente, mas simbolicamente, por meio da existência humana. E nessa perspectiva, a memória cria uma relação no mínimo paradoxal com o esquecimento, pois o caráter daquela é impermanente, finito. E por isso ela elege o que é importante ter continuidade e o que poder ser fadado ao esquecimento. O esquecimento é na verdade integrante da memória e vice versa, já que ambos enveredam num caminho em que é preciso manter particularidades que ainda dizem alguma coisa e precisam permanecer, bem como se faz imprescindível descartar outros elementos que também contribuíram para a perpetuação de uma tradição, mas que precisam ser ressignificados e até mesmo esquecidos para que a reatualização da memória seja cumprida e a dinamicidade desta engrene numa marcha constante e cíclica de memória e esquecimento.

Interessante perceber que não é apenas a permanência de certas características de uma manifestação que propaga uma determinada tradição, mas também o próprio esquecimento é um elemento crucial no norteamento desta, uma vez que o esquecimento viabiliza a memória, outros modos de fazer os percursos pertinentes e aceitáveis aos indivíduos que dela são possuidores. Podemos inserir nesse contexto a importância do esquecimento como um desencadeador de situações que determinam o fazer tradicional da comunidade. Podemos então dizer que memória e o esquecimento são elementos que contêm uma dinâmica recriadora, uma vez que o que é eleito para ser propagado conduz a um patamar específico que seria quase ou totalmente diferente se outros aspectos não fossem esquecidos. Assim Ferreira (2003) afirma que a continuidade, a memória e a lembrança têm com o esquecimento uma relação de coexistência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. *Cultura com tradição*. In BOSI, Alfredo. *Cultura brasileira: tradição e contradição*. Rio de Jorge Zahar Editor/Funarte, 1987, p.31-58;

FERREIRA, Mirza. *Novos tempos, novos espaços, novos corpos...uma nova dança?*. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 2001;

GOMES, Núbia, Edimilson, PEREIRA. *Flor do não esquecimento: cultura popular e processos de transformação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002;

HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do "popular". In: Sovik, Liv. (org.). *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003;

ROSÁRIO, Cláudia Cerqueira do. *O Lugar mítico da memória* [online] Disponível na internet via <http://www.unirio.br/morpheusonline/Numero01-2000/claudiarosario.htm>, MORPHEUS - Revista Eletrônica em Ciências Humanas, Ano 01, número 01, 2002, Rio de Janeiro, RJ;

ZUMTHOR, Paul. *Tradição e esquecimento*. São Paulo: Hucitec, 1997.